



COMITÊ DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA
BRASIL

A UTOPIA NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA:

da sociedade real à sociedade sonhada

ELTON DIAS XAVIER*

KELLEN DE FÁTIMA PIMENTA**

RESUMO O artigo trata da utopia no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, a fim de compreender o que mantém os militantes do MST em sua luta pela sociedade almejada. Os objetivos do MST são a luta pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade justa e fraterna. Sustentamos que a utopia, entendida como sonho social ou desejo-esperança, é elemento essencial nos movimentos sociais, haja vista que a ideia de um mundo melhor, presente nas diversas épocas da história da humanidade, impulsiona as pessoas à ação, ao fazerem a crítica da realidade em que vivem. No MST, as aspirações e ações sociais para um mundo melhor [a utopia] antecipam nos seus integrantes aquilo que é aguardado como realidade futura.

PALAVRAS-CHAVE Utopia. Movimentos Sociais. MST.

UTOPIA IN THE LANDLESS RURAL WORKERS MOVEMENT:

from the real to the dreamt-of society

ABSTRACT The article deals with utopia in the Landless Rural Workers Movement (MST). It seeks to understand what keeps the activists of the MST in their struggle for the desired society. The objectives of the MST are the struggle for land, land reform, and a fair and fraternal society. This text vindicates that utopia, understood as a social dream or wish or hope, is an essential element in social movements, given that the idea of a better world present in the various periods of human history drives people to action by criticizing the reality they live in. In the MST, the aspirations and social actions for a better world [utopia] anticipate in its members what they expect as a future reality.

KEYWORDS Utopia. Social Movements. MST.

* Professor Titular da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: eltondx@hotmail.com

** Mestra em Desenvolvimento Social pelo PPGDS – UNIMONTES. E-mail: kellenpimenta@yahoo.com.br

Introdução

O ponto de partida deste artigo é o conceito de utopia que, para muitos, significa algo irrealizável, um sonho fantasioso. Para os que almejam construir uma sociedade diversa, na qual a justiça social prevaleça, as relações de poder sejam mais horizontais e a exploração do ser humano pelo ser humano não exista, a utopia pode ser um elemento na construção desse sonho coletivo. A utopia vislumbra uma nova sociedade buscada incessantemente pelos que acreditam em um futuro melhor.

More (2004), ao fazer sua crítica à sociedade inglesa, injusta e desigual, ampara-se em uma descrição de sociedade ideal, utópica, localizada na Ilha de Utopia. More descreve uma sociedade na qual as mazelas criadas por uma estrutura de propriedade privada não são admitidas. Em Utopia, a propriedade privada é considerada um mal: “o único meio de distribuir os bens com igualdade e justiça – e de fazer a felicidade do gênero humano – é a abolição da propriedade [privada].” More argumenta que “enquanto o direito de propriedade for o fundamento do edifício social, a classe mais numerosa e mais estimável não terá por quinhão, senão miséria, tormentos e desesperos.” (MORE, 2004, p. 50).

O ideal de apropriação coletiva da terra é antigo. A ideia de posse coletiva já estava presente em Utopia: “os habitantes de Utopia aplicam aqui o princípio da posse comum para abolir a ideia de propriedade individual e absoluta.” Entretanto, na história do desenvolvimento do capitalismo, a propriedade privada constituiu seu dogma. Assim, toda apropriação da terra, ainda que para cultura de alimentos e seus derivados, reafirma esse dogma capitalista. A luta pelo acesso à terra constitui-se como elemento de reivindicação de grupos excluídos ao longo do século XX. No Brasil, ao longo de sua história, a terra foi objeto de disputa. Revoltas eclodiram em vários Estados da federação tendo a luta pela terra como, pelo menos, um de seus elementos. A grilagem e o apossamento foram a marca da “distribuição” de terras durante muito tempo. Ambas levaram a uma distribuição insatisfatória e injusta (MORE, 2004, p. 62).

O surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, nesse contexto de disputa, apresenta-se como resistência à ação violenta de apropriação de terras, que desencadearam – e ainda desencadeiam – intensos conflitos agrários. Esses conflitos também demonstram a dinâmica dos movimentos sociais que se alastraram por todo o território brasileiro no século XX. Em diferentes Estados da federação brasileira, a motivação e as lutas dos trabalhadores assalariados rurais e urbanos contra essa injusta partilha ocasionaram a fundação do MST, em 1984.

O plano ideal de preparo para a conquista do “espaço social” – que vai além da posse da terra – é o que move os sonhos de cada militante, de cada dirigente, de cada liderança do MST. De certa forma, não é tarefa difícil identificar as dificuldades com as quais eles depararam – e deparam – no transcorrer desse processo¹.

Da mesma maneira que More (2004) idealizou uma sociedade melhor com a constituição de uma ilha – Utopia – separada das mazelas da Inglaterra de seu tempo, compreende-se que o MST busca sua “ilha”, sua utopia, no meio de uma sociedade já estabelecida. More arquitetou a ilha Utopia afastada de ligações que lhe davam acesso – não havia mapa de chegada – como forma de se proteger de tudo que ameaçasse alguma perda ou prejuízo na organização da sociedade utopiana – a sua sociedade ideal. O MST age de maneira oposta, tenta erguer uma ponte unindo os sem-terra à sociedade que os cerca, avivando essa relação, sem, contudo, perder os elementos essenciais e os princípios que compõem o movimento.

¹ Como exemplo dessas dificuldades teríamos a violência contra camponeses e trabalhadores rurais, o poder político dos proprietários e suas bancadas parlamentares que direcionam políticas públicas, leis e decisões contra os pequenos produtores ou o desinteresse do governo pela reforma agrária ampla.

O Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST

Segundo o próprio MST, o “Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais.” (MST, 2016). Seus integrantes são unidos pelo desejo da conquista da terra, da reforma agrária e de uma sociedade mais justa e fraterna para todos. Esses são os objetivos defendidos pelo movimento e que incentivam novos membros à adesão.

Para eles, a conquista da terra significa o primeiro passo na direção de transformações estruturais na sociedade. Suas ações são experimentos realizados entre a socieda-

de em que vivem e a sociedade sonhada, utópica, a que eles almejam e pela qual lutam. Seu credo é que essa sociedade sonhada seja justa e fraterna para todos.

A ação política ganha importância para os militantes do MST, pois nela podem sentir alguma mudança na partilha do poder. Ao aumentar o seu reconhecimento dentro do movimento, o sujeito se desprende e ocupa outros espaços na sociedade. Eles se reconhecem como força ao se unirem por um objetivo coletivo.

Para Lerrer (2008), os militantes do MST são

[...] aqueles que ocupam um cargo ou uma função específica na hierarquia do MST e dentro de seus setores e que, para tanto, passaram por vários cursos de formação em que foram construindo laços de sociabilidade e incorporando não só os discursos, as bandeiras de luta, como o habitus (LERRER, 2008, p. 178).

Os integrantes do MST se dedicam a alcançar os ideais do movimento por meio de cursos, palestras, ações práticas e uma série de atividades desenvolvidas pelo movimento. Ao aderir ao MST, o militante assume algumas atividades, como participação em reuniões, ações políticas e realização de acampamentos.

Segundo Lerrer (2008), ser militante jovem do MST é também uma questão de escolha:

A militância é uma escolha de como viver a juventude e decorre no período que geralmente está entre os 18 e os 27 anos. Nesse período, os jovens geralmente estão em busca de seu lugar no mundo dos pais e possuem um leque de possibilidades abertas, que estão de acordo com a estrutura e origem familiar, mas também são determinadas por escolhas e atitudes individualmente tomadas neste contexto familiar, cultural e social (LERRER, 2008, p. 128).

Na visão de Mijolla-Mellor (2009), escolher ocasiona investir em um destino que não se sabe ao certo como será. Optar por militar no MST, engajar-se num projeto de sociedade cuja perspectiva de funcionamento é diferente da sociedade em que vivemos atualmente é apostar no desejo, no imprevisível, que pode ser melhor, mas ainda assim é incerto. Ao se apostar, ao se escolher, correm-se riscos e concorda-se em viver na contramão da nossa sociedade, em busca da sociedade utópica. Nessa perspectiva, a utopia representa o elemento política, o sonho social, que dá substância à crença num mundo melhor e na ação política para alcançá-lo.

O MST denomina sua organização de “participativa e democrática”, com atuação paritária das mulheres:

Nos assentamentos e acampamentos, as famílias organizam-se em núcleos que discutem as necessidades de cada área. Desses núcleos, saem os coordenadores e coordenadoras do assentamento ou do acampamento. A mesma estrutura se repete em nível regional, estadual e nacional. Um aspecto importante é que as instâncias de decisão são orientadas para garantir a participação das mulheres, sempre com dois coordenadores, um homem e uma mulher. E nas assembleias de acampamentos e assentamentos, todos têm direito a voto: adultos, jovens, homens e mulheres (MST, 2016).

O MST tem convicção de que representa um movimento social revolucionário, no sentido de estar assentando as bases para uma nova forma de organização social, como meio de superação da sociedade atual. Ele situa a sua luta pela reforma agrária num contexto cujo projeto maior é a transformação do que denomina “projeto popular para o Brasil”. Com esse objetivo, participa de articulações com outros movimentos, tanto nacionais quanto internacionais, visando “transformar a realidade”.

Para o MST, o significado dessa transformação pode ser resumido da seguinte maneira:

A luta pela transformação social significa transformações na estrutura da sociedade brasileira e um projeto de desenvolvimento nacional com justiça social. É a luta por uma sociedade mais justa e fraterna, que solucione os graves problemas estruturais do nosso país, como a desigualdade social e de renda, a discriminação de etnia e gênero, a concentração da comunicação, a exploração do trabalhador urbano.

Esse esquema transformativo caracteriza o que a teoria utópica denomina de “estado mental utópico”, isto é, “quando é incongruente com o estado de realidade dentro do qual ocorre.” Segundo Mannheim (1952), “a incongruência revela-se sempre pelo fato de que tal estado, na experiência, no pensamento e na prática, volta-se para objetos inexistentes na situação real (MANNHEIM, 1952, p. 179).

Assim, podemos caracterizar esse movimento rumo à transformação como utopia, no sentido de sonho social, que pode ser realizado mediante ações concretas dos seus agentes. Portanto, utopia como ação política factível, que revela as incongruências entre a realidade vivida e a pretendida como realização de sua prática.

Utopia e Sociedade

A palavra utopia, neologismo criado por Thomas More, em seu livro homônimo [Utopia], de 1516, é uma composição das palavras gregas *ou* (nenhum) e *topos* (lugar), significando lugar nenhum. Outra interpretação possível da composição da palavra é o também prefixo *eu* (bom) e *topos* (lugar), significando um bom lugar. Dessa forma, utopia tanto pode indicar lugar de prosperidade, “um bom lugar”, quanto um lugar imaginário, ou “lugar nenhum”, que não se encontraria na realidade fática.

Com a publicação de Utopia, More inicia a sistematização de uma nova forma de pensar e de agir politicamente que denominamos “esquema utópico”. Esse esquema se caracteriza, em geral, pela narrativa de um viajante, que tendo visto, ou visitado, o “lugar ideal”, volta a sua terra e narra, comparativamente, o que viu. Seu ponto de contraste é sua realidade atual. Além da novidade de esquema narrativo, sua obra inicia um novo gênero literário a que denominamos, também, utopia.

Como obra literária, *Utopia*, de More, é uma obra estruturada em duas partes, arquitetada na forma de diálogo. Na primeira parte do livro, Rafael Hitlodeu² conta sua viagem por terras onde a população vivia na pobreza, e seus governantes eram corruptos. Na segunda parte, ele narra sua passagem pela ilha de Utopia, cujo regime político era ideal (que dava respostas aos anseios de seus habitantes), e onde os homens viviam harmoniosamente.

A sociedade apresentada na ilha de Utopia opõe-se de maneira drástica à sociedade desigual narrada na primeira parte do livro. Essa contrariedade consiste em uma crítica social à realidade vivida por More na Inglaterra. Thomas More, o personagem histórico, é descrito como um homem cujas convicções eram inabaláveis. Tinha ligações profundas com a Igreja Católica, e seu compromisso com sua fé foi responsável pela sua execução, ao negar apoio ao casamento de Henrique VIII. Morreu por não abrir mão de sua fé e compromisso com a Igreja. No patíbulo, abençoou o carrasco que lhe pediu perdão e disse: “diga ao Rei que fui seu servo fiel, mas Deus primeiro.” Foi canonizado pela Igreja Católica em 19 de maio de 1935 e lembrado pela sua lealdade à Igreja e pela defesa intransigente de sua liberdade de pensamento (THOMAS MORE TRIAL, 2016).

Sociedades ideais, como a descrita na Utopia de More, fazem parte da história da humanidade. A República, de Platão [424/423 BC - 348/347 BC], *The perfect State*

² Rafael Hitlodeu é o personagem *alter-ego* de Thomas More. Ele narra sua viagem a Utopia e descreve a sociedade que viu.

(*Al-Madina al-Fadila*), de Al-Farabi [874-950], e *The Book of the City of Ladies* [1404], de Christine de Pizan, são alguns exemplos de obras utópicas publicadas antes da criação do termo por More, em 1516.

Para Sargent (2016), temos que afastar a ideia de perfeição quando lidamos com essas sociedades utópicas, pois todas elas carregam em si a possibilidade de desenvolvimento, não estão estáticas. Segundo Sargent, as palavras que devem marcar nossa relação com as utopias são “boa” e “melhor”. “Essas palavras também refletem mais precisamente o fato de que uma função importante da projeção de uma sociedade melhor é a crítica, e muitas utopias contêm elementos significativos de sátira, tanto diretamente como por implicação, em mostrar o futuro melhor.” (SARGENT, 2016, p. 25-26, tradução nossa)³.

Assim, as sociedades ideais descritas nas utopias não devem ser adotadas como dogmas a serem abraçados para conquistar a felicidade. A importância da utopia não é conseguir alcançar um mundo perfeito, mas, sim, as implicações que as características desse mundo geram em nós, que é entender, com mais precisão, as falhas do mundo atual e nos incentivar a buscar um mundo melhor. Como nos diz Eduardo Galeano, a utopia nos movimenta:

Ela está no horizonte – diz Fernando Birri –. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, nunca a alcançarei. Para que serve a utopia? Para isso: para caminhar (GALEANO, 2001, p. 230, tradução nossa)⁴.

Como afirmou Mannheim (1952), as conceituações de sociedades ideais só podem ser chamadas de utopia se aspiram a transformar a realidade no seu todo, ou em parte, caso contrário, são meras ideologias. A utopia, nessa perspectiva, sugere que a realidade pode ser extremamente diferente do que é.

Szachi (1972) afirma que

O utopista não aceita o mundo que encontra, não se satisfaz com as possibilidades atualmente existentes: sonha, antecipa, projeta, experimenta. É justamente este ato de desacordo que dá vida à utopia. Ela nasce quando na consciência surge uma ruptura entre o que é, e o que deveria ser; entre o mundo que é e o mundo que pode ser pensado (SZACHI, 1972, p. 13).

3 These words also more accurately reflect the fact that an important function of the projection of a better society is critique, and many utopias contain significant elements of satire both directly and by implication in showing the better future (SARGENT, 2016, p. 25-26).

6 Ella está en el horizonte —dice Fernando Birri—. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar (GALEANO, 2001, p. 230).

A utopia representa um desejo-esperança na ação e na mudança concreta, para melhor, das estruturas sociais. Ela se traduz na (re)invenção da sociedade e da sociabilidade, busca reelaborar a representação do elemento político da ação humana, do bem-estar emocional, espiritual e físico, da distribuição justa das riquezas e bens no Estado, tenta olhar para frente, ver e (trans)formar o futuro.

A teoria utópica contemporânea distingue utopismo, “sonho social”, de utopia, “sociedade inexistente”, e suas outras denominações. Aqui, não trabalhamos com essas distinções em razão do recorte temático que adotamos. Nesse contexto, essas distinções não se mostram essenciais à compreensão e desenvolvimento do nosso argumento. Para um aprofundamento nesse tema, remeto o leitor ao livro *A Viragem Distópica*, de Elton Dias Xavier.

A Utopia no Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Os integrantes do MST são movidos pela utopia. Sonhos de transformação social que vão além da simples distribuição de terras. A utopia como elemento político é o que move os militantes do MST à ação transformadora.

Segundo Löwy (2001), Che Guevara é o mais importante inspirador do MST. Che acreditava que os próprios trabalhadores conquistariam sua emancipação; que a revolução, além de modificar as estruturas sociais, deveria transformar os homens e as mulheres.

Dessa forma, embora para o senso comum todo projeto que aparente ser irrealizável seja uma utopia, a utopia trata da ideia de uma sociedade melhor. O que importa é entender que o sonho transformado em ação causa mudança e movimento, sendo, ao mesmo tempo, o ponto de partida para constituição das utopias e aquilo que as orienta.

Assim, o ideal de transformação social do MST é fruto da utopia em sua dimensão crítica do mundo contemporâneo, que ultrapassa a mera crítica política conjuntural, pois é também antecipação do novo. O MST não surgiu apenas de ideias, surgiu entre os camponeses pobres, oprimidos e expropriados. Sua formação se deve, em parte, à reação a essa opressão e expropriação. A utopia no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se constitui como resposta a uma situação injusta, perpetrada por uma estrutura

social desigual e excludente. Assim, a utopia norteia diretamente suas atuações para a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária, por meio da crítica à sociedade concreta. Já que as ações do MST estão igualmente orientadas pela práxis do movimento no presente, a utopia no MST preza pelo passado, mas se orienta para o futuro.

Apesar de vivermos em uma época na qual parece predominar a crença conservadora de que o presente é decorrência natural do que passou, o MST parece se encaminhar num sentido oposto, ao amparar uma utopia comunitarista, com justiça social. A utopia no MST produz alternativas para a realidade presente e se envereda pela criatividade, pela imaginação e pelo desejo-esperança.

Nos seus objetivos, o MST vislumbra o tipo de sociedade com que sonham:

A luta pela transformação social significa transformações na estrutura da sociedade brasileira e um projeto de desenvolvimento nacional com justiça social. É a luta por uma sociedade mais justa e fraterna, que solucione os graves problemas estruturais do nosso país, como a desigualdade social e de renda, a discriminação de etnia e gênero, a concentração da comunicação, a exploração do trabalhador urbano (MST, 2016).

Considerações Finais

No presente trabalho, discutimos a utopia no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Sustentamos que a utopia está presente no MST, demonstramos sua função como elemento político de crítica do presente e apontamentos para o futuro. Argumentamos que a utopia é o elemento que possibilita o sonho, o desejo-esperança de uma sociedade melhor, apoiado nas críticas ao presente.

Apresentamos algumas informações sobre o MST, sua formação, suas principais ações e objetivos. Observamos que seus objetivos vão além da luta pela reforma agrária. O MST se estrutura nacionalmente e se propõe a ser um agente de mudança político-social. Atua como elemento de pressão social por meio da reivindicação da reforma agrária, da democratização do acesso à terra e ao crédito para produção. Após o acesso a determinada porção de terra, posiciona-se, também, na reivindicação de saneamento, energia elétrica, acesso à cultura e lazer. Esse conjunto de reivindicações resulta num projeto crítico de sociedade que se amolda ao esquema utópico de incongruência entre o presente que se vive e o futuro que se anseia.

Vimos o conceito de utopia, tal como compreendido na atual teoria utópica. Diferenciamos o conceito atual de utopia da ideia trazida pelo senso comum de algo irrealizável, um mero sonho, devaneio sem paralelo na realidade, uma fantasia. Conceituamos utopia como sonho social factível, desejo-esperança, elemento político que move uma pessoa ou grupo de pessoas a realizar um projeto político diferente e melhor que a sociedade em que vive. Nesse sentido, seria um equivalente de “utopismo”. Tratamos, ainda, da origem do termo utopia, porém enfatizando que a ideia de utopia, como sonho social, é anterior à sua conceituação feita por Thomas More, em 1516. Distinguímos utopia, como sonho social, elemento político, “sociedade inexistente”, de utopia como gênero literário.

A análise da utopia no MST nos revelou uma faceta, em geral, pouco explorada nos estudos sobre os movimentos sociais, em especial sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a presença de um elemento político milenar que sustentou vários sonhos de mudança social ao longo da história da humanidade: a utopia como mecanismo de crítica e ação em direção a uma sociedade melhor.

Vimos que o MST continua lutando pela reforma agrária e pela concretização de um “projeto popular de Brasil”, pautado na justiça social e na dignidade humana. Porém, constatamos que, passados mais de 500 anos de Brasil e outros tantos de existência do MST, a reforma agrária ainda não foi realizada no país. Grandes latifúndios ainda fazem parte da paisagem, há enormes porções de terra que permanecem improdutivas, enquanto milhares de famílias ainda não têm onde morar e produzir.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra oferece exatamente essa esperança aos seus integrantes, ao mesmo tempo que os desafiam a assumir as consequências desses sonhos que os movimentam. O fato de conquistarem a terra almejada não significa que tenham alcançado o seu objetivo, pois a utopia que fundamenta o movimento os direciona na realização do sonho social, na busca de uma sociedade melhor. Depois disso, como todo projeto utópico, outros sonhos aparecerão. O acesso à terra é o primeiro passo, mas sempre haverá outro passo a ser dado. Conquistar a terra representa apenas um passo em direção às grandes mudanças queridas pelo movimento. O fim último é a utopia de uma sociedade justa, solidária, fraterna e democrática. Uma sociedade na qual a “desigualdade social e de renda, a discriminação de etnia e gênero, a concentração da comunicação, a exploração do trabalhador urbano” não existam mais.

Referências

CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. Tradução de Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC/SP, 2013.

GALEANO, Eduardo. *Las palabras andantes*. 5 ed. Buenos Aires, Catálogos S.R.L., 2001. 234 p.

LERRER, Débora Franco. *Trajetória de militantes sulistas: tradição e modernidade do MST*, 2008.197f. (Doutorado em Ciências Sociais aplicada ao conhecimento do mundo rural). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cpo78477.pdf>> Acesso em: 25 jun. 2009.

LÖWY, Michael. O marxismo da Teologia da Libertação. (Tradução Paulo Roberto de Almeida) *Revista Espaço Acadêmico*, vol. II, n.17, 2002. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/017/17clowy.htm> Acesso em: 5 mar. 2016.

LÖWY, Michael. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 2.ed. Tradução de Emilio Willems. Rio de Janeiro: Porto Alegre: São Paulo: Editora Globo, 1952.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie. Du choix. In: *Le choix de la sublimation*. Paris: Puf, 2009, p. 7-28.

MORE, Sir Thomas. *Utopia*. COLLINS, J. Churton (Edit.). London: Oxford University Press, 1930. 344 p. Disponível em: <<https://ia802303.us.archive.org/17/items/sirthomasmoresutoomoreuoft/sirthomasmoresutoomoreuoft.pdf>>. Acesso em: set. 2015.

MORE, Thomas. *A utopia: Diálogo sobre o conforto espiritual e a atribulação*. Tradução de Luís de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 2004. 336 p (Coleção Os Pensadores).

MST. <<http://www.mst.org.br/quem-somos/#full-text>>. Acesso em: 24 maio 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Capitalismo e classes sociais no campo. In: LÖWY, Michael (org). *O marxismo na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. A hora da reforma agrária popular. In: *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Ano XXX, nº 323, fevereiro, 2014.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Dirigente do MST é vítima do machismo em PE*, 2010. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/9381>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Caso Syngenta: assassinato de Keno completa 3 anos*, 2010. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/10795>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *MST comemora conquista de assentamento no Paraná*, 2010. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/MST-comemora-conquista-de-assentamento-no-Parana>>. Acesso em: 30 maio 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Nossos objetivos*, 2009. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/7703>>. Acesso em: 10 maio 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Sem Terra é executado dentro de casa*, 2008. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/5530>>. Acesso em: 24 maio 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *O desenvolvimento do MST*. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em: 24 maio 2016.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TETO (MTST). O que quer o MTST? In: *Brasil em jogo: o que fica da copa e das olimpíadas?* São Paulo: Boitempo, 2014.

OLSSON, Anna S.; ARAÚJO, Sofia M.; VIEIRA, M. Fátima (eds.) *Food futures: ethics, science and culture* Food futures. Porto, Portugal: The Netherlands: Wageningen Academic Publishers, 2016.

SARGENT, Lyman Tower. Food studies and utopia: why they need each other. In: OLSSON, Anna S.; ARAÚJO, Sofia M.; VIEIRA, M. Fátima (eds.) *Food futures: ethics, science and culture Food futures*. Porto, Portugal: The Netherlands: Wageningen Academic Publishers, 2016. p. 25-26. DOI 10.3921/978-90-8686-834-6_1.

SZACHI, Jerzy. *As utopias ou a felicidade imaginada*. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

THOMAS MORE TRIAL (1535). Disponível em: <<http://famous-trials.com/thomas-more>>. Acesso em: 30 maio 2016.